

ROBERTO MACEDO
ESTADO DE SÃO PAULO

Ascensão e queda social

15 SET 1994



**Tudo indica
que os jovens
não vão
alcançar o
mesmo status
dos pais**

Por que acabar com a inflação? Ela é uma febre que contaminou e enfraqueceu o organismo da economia. Vem, sobretudo, de um quadro de dificuldades que envolve um governo concordatário, às voltas com um buraco nas finanças, o conhecido déficit público. Deste resultou uma dívida que o governo a duras penas gira no mercado, pagando juros elevadíssimos, típicos de devedores de alto risco, comportando-se como um idiota a serviço de agiotas.

Pressionado pelo déficit, pela dívida e pelas pressões que giram em torno da sua concordata, antes do Real o governo vinha emitindo uma moeda que se deteriorava rapidamente. O que se espera do governo são serviços públicos. Aqui a moeda que o governo produz estava mais para um "desserviço público", tamanho o mal que vinha causando.

A concordata do governo gera um quadro de incertezas, que contamina e reduz os investimentos que produzem o crescimento do PIB. A razão é que os investidores sabem que a qualquer momento o governo pode tomar medidas para sair da concordata e causar-lhes prejuízos. Assim, para cortar o déficit ele aumenta impostos, extraindo mais recursos das empresas e da sociedade em geral. Ao cortar gastos, freqüentemente o faz prejudicando investimentos pri-

vados que dependem da realização de obras públicas, como as de infra-estrutura. Ao violentar a correção monetária para reduzir sua dívida, chegando até ao confisco de ativos, o governo assustou os poupadores e investidores, gerando uma insegurança ainda não totalmente dissipada. Como concordatário, o governo paga juros altos e contamina com seu alto risco as taxas de juro em geral, também assim inibindo os investidores privados. Por tu-

do isso, estes se retraem, a economia não cresce, empregos deixam de ser gerados e os salários são aviltados.

A taxa de investimento da economia brasileira, que no início dos anos 70 chegou a 25% do PIB, hoje está em torno de 14%. Os países que mais crescem no mundo, no Pacífico, na área em torno do Japão, investem perto de 30% do PIB. Lá não existe essa incerteza institucional, econômica e política que hoje mantém o Brasil empacado, como um dos burros teimosos da tropa internacional.

Esses fenômenos são conhecidos. O que ainda é pouco divulgado são os desdobramentos sociais desse impasse. Sabe-se que ele causa o aumento da taxa de desemprego, a queda do nível de renda e o aumento da criminalidade, entre outras consequências. Mas há um fenômeno que ainda está sendo pesquisado e cujo alcance ainda não foi claramen-

te identificado. Trata-se de uma queda de "status" social que atinge as famílias e seus membros. Até a geração que se formou na década de 70, as sucessivas gerações foram muito beneficiadas pelas oportunidades de ascensão social. Em geral, o "status" educacional, social e de renda dos filhos sempre superou o dos pais. O leitor que estiver na faixa de 40-60 anos idade pode confirmar essa hipótese na própria família, comparando sua situação à de seus pais. Contudo, os jovens que chegaram ao mercado de trabalho nos anos 80 tiveram suas oportunidades muito reduzidas pela estagnação da economia. Tudo indica que não vão alcançar o mesmo status social de seus pais, muito menos ultrapassá-lo. Os segmentos mais pobres, que já não têm onde cair, acabam resvalando para a marginalidade. Mesmo os de classe média alta e os mais ricos têm tido dificuldades de manter sua posição, e já há casos em que os filhos chegam a constituir família residindo com os próprios pais.

Conversando com médicos ginecologistas, percebe-se uma queda do que chamam de "carteira de mulheres em gestação", que não chega a ser explicada apenas por uma redução desejada do número de filhos. O que está acontecendo é que há uma proporção maior de mulheres solteiras na faixa dos 30 anos — o "mercado" de casamentos anda fraco desde os anos 80 — e as casadas também renunciam a uma prole mais numerosa em função de dificuldades econômicas.

O doentio quadro econômico, do qual a inflação é um sintoma, tem

resvalado assim para um problema social muito sério que precisa ser imediatamente resolvido. A continuarmos assim, teremos gerações de frustrados, de pessoas que não se realizam profissional e socialmente, abrindo caminho para contestações de toda a ordem e produzindo uma população que, além de frustrada, sofrerá também pela falta de qualificações que se adquirem no próprio trabalho.

Algumas expressões mais fortes são às vezes utilizadas para descrever a inflação, como um câncer econômico ou uma droga como a cocaína. Apesar de enfatizados todos os males que causa, muitos ainda vacilam em aceitar o tratamento necessário, que passa necessariamente pela solução da concordata do Estado. Sem isso o Plano Real pode fracassar. O novo governo terá diante de si a grande tarefa de resolver a concordata e acabar definitivamente com a inflação, em mais uma tentativa de retirar o País e seu povo dessa perigosa combinação de empobrecimento econômico e queda social. Será a última oportunidade para que a geração que chegou à idade adulta nos anos 90 não tenha, tal como a de 80, a dolorosa experiência de contabilizar uma década perdida e de resvalar também para o triste caminho do descenso social. É preciso, assim, enfrentar a inflação para valer, sem o que continuará crescendo a multidão para quem a vida não vale nada.

■ Roberto Macedo é professor da FEA-USP e da Universidade Mackenzie e pesquisador da Fipe e do Instituto Fernand Braudel, ligado à Faap